



DE GERAÇÃO PARA GERAÇÃO: memórias e territorialidades na comunidade de Bonsucesso, Várzea Grande – MT

FROM GENERATION TO GENERATION: memories and territorialities in Bonsucesso community, Várzea Grande – MT

DE GENERACIÓN EN GENERACIÓN: memorias y territorialidades en la comunidad de Bonsucesso, Várzea Grande – MT

RESUMO

A Comunidade de Bonsucesso, localizada em Várzea Grande, Mato Grosso, é um espaço onde seus habitantes estão continuamente vivenciando práticas que os conectam com o território, perpetuando uma memória coletiva e herdada. Neste sentido, o objetivo do trabalho foi analisar as expressões de memória e territorialidades na comunidade de Bonsucesso e como isso se traduz em determinados tipos de atividades no território, como: a pesca, a produção das compotas de doces, a tecelagem de redes e os engenhos. A metodologia incluiu uma revisão de literatura e observação participante (etnografia), fundamentando-se nos conceitos de território, territorialidade e memória. A pesquisa, realizada em 2024, envolveu trabalho de campo por meio de participação em festejos, entrevistas informais e experiências na comunidade. Como resultado foi observado que as práticas culturais de Bonsucesso exemplificam a resistência e a permanência da comunidade frente às pressões capitalistas, destacando a memória herdada e a transmissão de conhecimentos como atos de resistência e territorialidades. Assim, Bonsucesso se apresenta como um território que abriga domínios funcionais e simbólicos, crucial para a preservação da identidade e da memória coletiva em um contexto de transformações constantes.

Palavras-Chave: Território; Práticas culturais; Resistência; Identidade.

ABSTRACT

Bonsucesso Community, located in Várzea Grande, Mato Grosso, is a space where its inhabitants are continually experiencing practices that connect them with the territory, perpetuating a collective and inherited memory. In this sense, the objective of the work was analyze the expressions of memory and territorialities in Bonsucesso community, and how this translates into certain types of activities in the territory, such as: fishing, the production of sweet preserves, weaving hammocks and mills. The methodology included a literature review and participant observation (ethnography), based on the concepts of territory, territoriality and memory. The research, carried out in 2024, involved fieldwork through participation in festivities, informal interviews and experiences in the community. As a result, it was observed that the cultural practices of Bonsucesso exemplify the resistance and permanence of the community in the face of capitalist pressures, highlighting inherited memory and the transmission of knowledge as acts of resistance and territorialities. Thus, Bonsucesso presents itself as a territory that houses functional and symbolic domains, crucial for the preservation of identity and collective memory in a context of constant transformations.

Keywords: Territory; Cultural practices; Resistance; Identity.

RESUMEN

La Comunidad de Bonsucesso, ubicada en Várzea Grande, Mato Grosso, es un espacio donde sus habitantes están continuamente vivenciando prácticas que los

conectan con el territorio, perpetuando una memoria colectiva y heredada. En este sentido, el objetivo del trabajo fue analizar las expresiones de memoria y territorialidades en la comunidad de Bonsucesso, y cómo esto se traduce en ciertos tipos de actividades en el territorio, como: la pesca, producción de compotas de dulces, tejeduría de redes y ingenios. La metodología incluyó una revisión de literatura y observación participante (etnografía), fundamentándose en los conceptos de territorio, territorialidad y memoria. La investigación, realizada en 2024, involucró trabajo de campo a través de la participación en festejos, entrevistas informales y experiencias en la comunidad. Como resultado, se observó que las prácticas culturales de Bonsucesso ejemplifican la resistencia y la permanencia de la comunidad frente a las presiones capitalistas, destacando la memoria heredada y la transmisión de conocimientos como actos de resistencia y territorialidades. Así, Bonsucesso se presenta como un territorio que alberga dominios funcionales y simbólicos, crucial para la preservación de la identidad y de la memoria colectiva en un contexto de transformaciones constantes.

Palabras clave: Território; Práticas culturais; Resistencia; Identidad.

Gabriely de Magalhães dos Santos¹, **Cláudia Heloiza Conte**²

¹ Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS, Campo Grande/MS, Brasil. Licenciada em Geografia. E-mail: magalhaes1201@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-9641-7416>

² Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS, Campo Grande/MS, Brasil. Professora adjunta dos cursos de licenciatura e bacharelado em Geografia e da Pós-graduação em Geografia – PPGEQ. Email: claudia.conte@uems.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7537-0749>

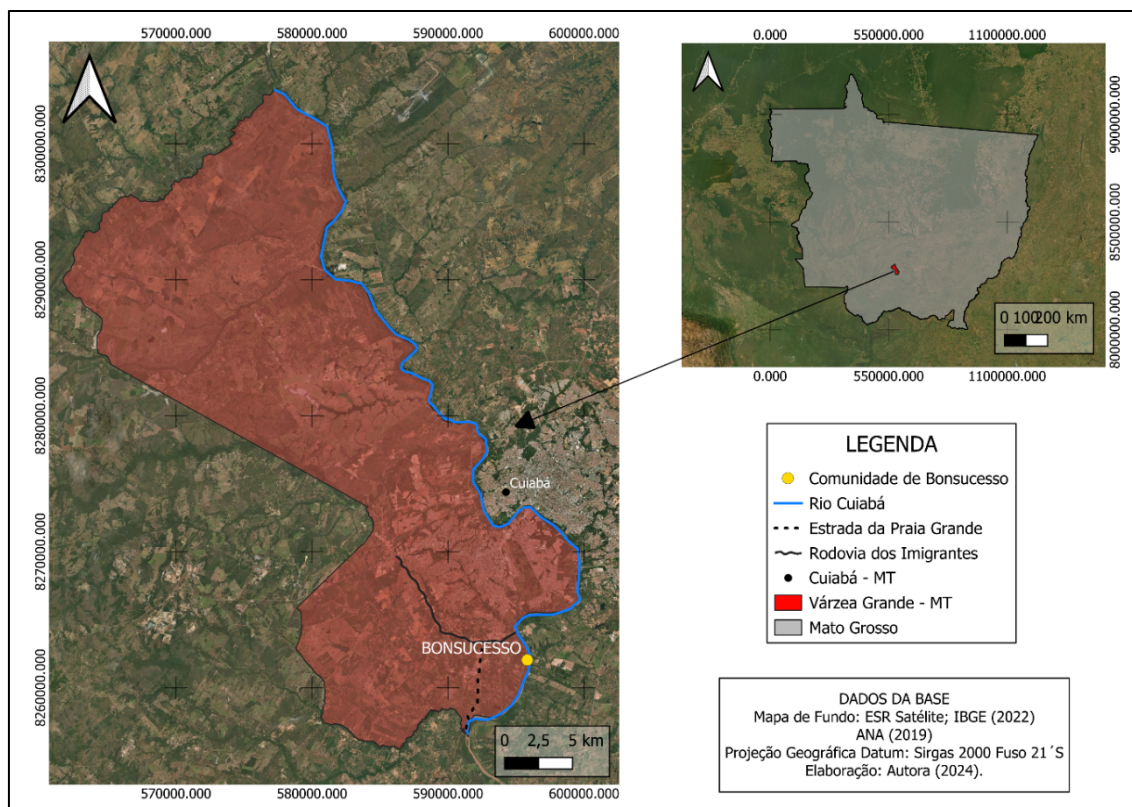
Recebido: 29/01/2025; Aceito: 01/07/2025; Publicado: 01/07/2025

DOI: [10.26512/2236-56562025e57023](https://doi.org/10.26512/2236-56562025e57023)

1. Introdução

A Comunidade de Bonsucesso está situada no Distrito de Bonsucesso, no município de Várzea Grande, Mato Grosso (Figura 1), à margem esquerda do Rio Cuiabá. A comunidade de Bonsucesso está inserida no distrito que recebe o mesmo nome, que por sua vez é composto por sete comunidades: Bonsucesso (sede), Souza Lima (antigo Sovaco), Capão Grande, Pai André, Praia Grande, Capela do Piçarrão e Limpo Grande (Tavares, 2011). A toponímia original nomeou o lugar como “Custa me ver”, em razão do grande matagal que não servia de atrativo para visitantes ou novos moradores (Andrade; Ribeiro, 2015).

Figura 1: Mapa de Localização da Comunidade de Bonsucesso



Elaboração: Autoras (2024)

Neste trabalho, portanto, a análise se dá apenas na comunidade de Bonsucesso. A história dessa localidade remonta ao período pré-colonial, marcada pela presença indígena do povo Guaná (Tavares, 2011). Estes povos, que viviam em harmonia com a terra e o rio, desenvolveram práticas culturais e de subsistência que ainda ecoam na região, a exemplo da tecelagem de redes no município de Várzea Grande. A ocupação colonial, conforme analisado por Tavares (2011), trouxe profundas transformações, incluindo a criação da Sesmaria Bonsucesso no século XVII e a intensa exploração de indígenas, afrodescendentes, escravizados e libertos, que contribuíram para o desenvolvimento econômico da região por meio do cultivo de cana-de-açúcar e das usinas da região, das atividades de mineração, artesanatos, da pesca e do transporte dos itens pelo rio Cuiabá.

Durante os séculos XVII e XVIII, a presença militar, dos bandeirantes e de religiosos se intensificou, acentuando a captura de indígenas e afrodescendentes para os engenhos locais e a mineração do ouro. Neste processo, grupos de escravizados indígenas e africanos fugiam das grandes usinas e engenhos,

buscando refúgio em áreas de difícil acesso. Esses grupos se organizavam em comunidades autônomas onde poderiam tentar sobreviver diante da conjuntura.

Nos séculos XIX e XX a produção de cana-de-açúcar foi intensificada, tornando-se a principal atividade econômica da região. De acordo com Tavares (2011), as terras onde situa-se Bonsucesso pertenciam ao fazendeiro Justino Antônio da Silva Claro, sendo dividida por seus herdeiros para o desenvolvimento de atividades agropecuárias, com destaque para aguardente e açúcar mascavo.

Hoje, Bonsucesso é um espaço onde o legado histórico é visível, com patrimônios que refletem sua herança, como os engenhos de cana-de-açúcar, os festejos e a produção artesanal local. A economia da comunidade se sustenta em práticas tradicionais de cultivo, pesca artesanal e produção de compotas de doces, tecelagem de redes e produções dos engenhos como: melado, cachaça, rapadura e garapa, perpetuando uma memória coletiva na região. Neste sentido, o objetivo do trabalho foi analisar as expressões de memória e territorialidades na comunidade de Bonsucesso e como isso se traduz em certos tipos de atividades no território, como a pesca, produção das compotas de doces, tecelagem de redes e engenhos de cana-de-açúcar.

Este trabalho está dividido em quatro partes além desta introdução. Na próxima seção serão apresentados os conceitos e categorias para análise, depois os resultados e discussões e por fim as considerações finais.

2. Metodologia ou Material e Métodos

A metodologia utilizada para esta pesquisa partiu inicialmente de uma revisão da literatura para compreender o processo histórico de formação da Comunidade de Bonsucesso, assim como as formas de reprodução mais marcantes na localidade. Os conceitos que deram embasamento teórico foram território, territorialidade e memória. Além disso, este trabalho tem um caráter qualitativo, tendo como base a observação participante por meio da Etnografia, utilizando a descrição como fator de autoridade etnográfica (Clifford, 2002).

Turra Neto (2013), enfatiza a importância de metodologias que valorizem as experiências e vivências dos sujeitos sociais. Ele recomenda o uso da Revista Espaço & Geografia, v. 28, 2025 (DOI: 10.26512/2236-56562025e57023).

<https://periodicos.unb.br/index.php/espacoegografia/index>

observação participante (método etnográfico), que permite aos pesquisadores imergirem na rotina dos sujeitos, captando nuances do comportamento e interações sociais.

O acesso empírico a estes sujeitos e a suas ações, que nos permitiria responder estas questões, aponta na direção da pesquisa qualitativa, de cunho etnográfico. É uma forma de "descer ao campo" e identificar, na especificidade complexa de um lugar concreto, a materialidade, os sujeitos em interação e a conformação de espaços e territórios específicos, cujo conhecimento em profundidade pode fazer avançar a teorização. Daí a grande valorização que atribuímos aos estudos de caso (Turra Neto, 2013, p.57).

Outro autor necessário para pensar esta metodologia é Geertz (1989). Em sua obra "A Interpretação das Culturas", o autor apresenta a ideia de descrição densa para a etnografia. Trata-se de uma análise detalhada e rica em significados dos fenômenos culturais, buscando capturar a complexidade e profundidade das práticas e crenças dos grupos. Ele defende que a cultura deve ser entendida como uma "teia de significados", que os próprios indivíduos tecem e vivem. Assim, a etnografia não deve se limitar à observação e descrição simples, mas deve interpretar esses significados a partir da perspectiva dos próprios sujeitos sociais pertencentes ao território.

Paulo Baltazar *et al.* (2023) também utilizam e defendem o uso da pesquisa qualitativa. Utilizou-se da observação participante e história oral dos próprios povos terenas para evidenciar o conhecimento desses sujeitos a respeito do que seria o território e a Terra para eles, colocando em xeque a ideia de pesquisador sob o sujeito pesquisado. Ao envolver os membros da comunidade terena na pesquisa, implica dizer que suas experiências são igualmente válidas e importantes para a compreensão do tema.

Desta forma, considera-se nesta pesquisa a observação participante como fator determinante para evidenciar as territorialidades presentes na comunidade de Bonsucesso. Clifford (2002) indica que a etnografia abre espaço para um debate que expressa as relações de poder manifestadas territorialmente. Isso implica que a etnografia não se limita apenas à observação e descrição de

culturas, mas também envolve uma análise crítica das dinâmicas de poder e das desigualdades que estão enraizadas no espaço e no território.

Os trabalhos de campo foram realizados ao longo dos anos de 2023 e 2024. Em dezembro de 2023 e em janeiro, maio, junho, julho e outubro de 2024, estivemos na comunidade participando ativamente de seus festejos e estabelecendo relações com os moradores. Durante essas visitas foram coletadas entrevistas por meio de conversas informais, além de experiências ao longo do Rio Cuiabá. As atividades incluíram a participação na produção de festejos e na organização e celebração de festividades locais, o que permitiu entender melhor as tradições culturais da comunidade.

3. Categorias e Conceitos para a compreensão da Comunidade Bonsucesso

Para compreender as dinâmicas sociais que ocorrem na Comunidade Bonsucesso é necessário realizar uma breve discussão dos conceitos e categorias, centrando-se nos estudos sobre território, memória e territorialidade. Essa discussão é de suma importância, considerando os modos de vida e reprodução específicos da comunidade, com dimensões simbólicas e subjetivas sobre o território.

Em Bonsucesso, as habilidades empíricas e os conhecimentos tradicionais são heranças culturais e históricas, compartilhadas pela memória dos mais velhos entre as gerações dentro do núcleo familiar e comunitário. Ricardo Luiz Cruz (2015), inserido nesta discussão, ao analisar a experiência social do trabalho dos agricultores da Selva Central Peruana, indica que mesmo que o trabalho desses sujeitos fosse menos reconhecido/prestigiado do ponto de vista econômico, "essas atividades ganhavam um sentido maior ao serem associadas com o passado ou o futuro de seus familiares" (Cruz, 2015, p. 239). A família, neste caso, ocupava um papel central na vida do grupo, as formas de uso, ocupação e reprodução estavam condicionadas ao núcleo familiar, suas funções eram funções socialmente construídas. Nesta perspectiva, a análise geográfica não deve ser desprendida dos processos sociais e históricos que envolvem o território. Longe da lógica de mercantilização, por exemplo, o conhecimento é assegurado pela memória coletiva de grupos sociais (Claval, 2021).

Ele não se reduz a passagem dum período onde a ênfase foi sobre as técnicas e outra onde ele foi sobre o sentimento e o simbolismo. Foi uma evolução que não excluía uma certa continuidade. Um testemunho disso está ligado ao interesse permanente para os processos de comunicação, de transmissão e de invenção. Um outro é o lugar da dimensão material da cultura na pesquisa contemporânea, mesmo se essa dimensão não é mais centrada sobre as atividades produtivas, mas sobre o corpo como base da experiência humana e dos sentidos, do olhar, do ouvir, do cheirar, do tocar, ou sobre a paisagem ou o patrimônio (Claval, 2021, p.17).

Nego Bispo (2019) destaca a importância do compartilhamento do conhecimento, que é capaz de gerar pertencimento e construção da produção de novas formas de reconhecimento entre o sujeito, o território e sua identidade social. O compartilhamento influencia não apenas a forma como os membros interagem com seu entorno, mas possibilita a adaptação de suas práticas culturais e tradições, que são passadas entre gerações no núcleo familiar e pela comunidade. Considerando isso, a noção de memória é necessária para este estudo. Pollak (1992) indica que a memória é um fenômeno complexo, que envolve diversos aspectos e dimensões. Não se refere apenas à vida física da pessoa, mas também é herdada, influenciando e sendo influenciada pelo contexto em que o indivíduo está inserido. Sendo um fenômeno construído, tanto individualmente quanto coletivamente, desempenha um papel crucial na formação da identidade pessoal e coletiva.

Na dimensão da memória herdada existe um sentimento de reconhecimento, onde o indivíduo constrói e apresenta uma imagem de si mesmo, tanto para acreditar em sua própria representação quanto para moldar como deseja ser percebido pelos outros. A memória é um valor disputado em conflitos sociais, onde diferentes grupos podem lutar pela preservação, interpretação e valorização de suas lembranças e narrativas históricas, enquanto outros buscam o seu esquecimento (Pollak, 1992; 1989).

São os acontecimentos que eu chamaria de “vividos por tabela”, ou seja, acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não [...] esses elementos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo (Pollak, 1992, p.2).

A transmissão de geração para geração garante a vivência de conhecimentos específicos, modos de vida, identidade. É um ato de resistência que transmite cuidadosamente as lembranças nas redes familiares e de amizades (Pollak, 1989). Essa memória é repleta de saberes orgânicos e históricos, os saberes e as histórias são compartilhados entre as gerações pela memória dos mais velhos, ou seja, ele não é mercadoria, transita entre os territórios dos mais velhos aos mais novos para manutenção e resistência desse modo de vida.

Considerando os aspectos em que a memória é construída, uma categoria importante para esta análise é a categoria de território. Milton Santos (2005) disserta que a natureza e o território são categorias históricas, dotadas de processos que trazem sentido a existência individual e coletiva. Para o autor existem duas possibilidades de compreender o território. A primeira parte do capital/mercado econômico, que se caracteriza como suporte das redes dos agentes capitalistas por meio de normas parciais para fins da exploração territorial. A segunda noção do território está nas subjetividades do sujeito, que reafirma as identidades a partir das relações produzidas no espaço/lugar. Esta visão vai de encontro com as ideias de Rogério Haesbaert (2005), que ao tratar a categoria território, indica que o mesmo também é produzido nas dimensões culturais, simbólicas e subjetivas, inerente a apropriação capitalista.

Neste cenário, os grupos sociais produzem territorialidades, formas específicas de uso da terra, da água, modos de reprodução, relações, etc. A ação de territorializar remonta a administrar disposições expostas sobre os corpos/indivíduos. Os limites territoriais não são definidos por sujeitos menos privilegiados, ao contrário, em grande medida estão expostos a formas precárias de inclusão social, sendo controlados e explorados por outros que detêm o poder econômico. Nesta conjuntura, os grupos subalternizados precisam se territorializar, refazer constantemente os próprios limites (Haesbaert, 2004). Haesbaert (2005) aponta que todo território é político e há disputas desiguais pelo poder, ou seja, dominação e apropriação do capital. Por sua vez, neste território de jogo desigual pelas disputas de acessos (educação, saúde, terra, água, trabalho), os sujeitos sociais produzem territorialidades específicas, o que os

habilitam a viverem no limite da apropriação capitalista. Vale ressaltar que estas territorialidades muitas vezes não são suficientes para mobilizar estes sujeitos socialmente (Haesbaert, 2014). Portanto, o território é um espaço de relações de poder entre o que seria o político/estatal/econômico/empresarial e o simbólico, o afeto, o pertencimento, o empoderamento identitário e o emocional, há dominação e resistência ao mesmo tempo (Haesbaert, 2004).

Território, assim, em qualquer acepção, tem a ver com poder, mas não apenas ao tradicional “poder político”. Ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais concreto, de dominação, quanto ao poder no sentido mais simbólico, de apropriação [...] Como decorrência deste raciocínio, é interessante observar que, enquanto “espaço-tempo vivido”, o território é sempre múltiplo, “diverso e complexo”, ao contrário do território “unifuncional” proposto pela lógica capitalista hegemônica [...]. (Haesbaert, 2004, p.1,2).

Marcos Aurélio Saquet (2007) também traz concepções importantes para a noção do território. Para este autor, o território é produzido por um conjunto de relações e interações em combinações espaço-temporais, se constituindo em singularidades, com símbolos e signos específicos de cada meio. Saquet (2007) indica uma dualidade nessa discussão, por um lado, o processo de valorização do capital, por outro, o território é apropriado por territorialidades, abrindo espaço para a luta, resistência e enfrentamento político-cultural. As territorialidades aparecem como a práxis da transformação do território, sendo capaz de produzir diferentes territórios e espaços que se reproduzem em meio a conflitos permanentes; a territorialidade revela a multiplicidade do espaço vivido.

Portanto, todo território é, ao mesmo tempo e obrigatoriamente, em diferentes combinações, funcional e simbólico, pois exercemos domínio sobre o espaço tanto para realizar “funções” quanto para produzir “significados”. O território é funcional a começar pelo território como recurso, seja como proteção ou abrigo (**“lar” para o nosso repouso**), seja como fonte de “recursos naturais” – “matérias-primas” que variam em importância de acordo com o(s) modelo(s) de sociedade(s) vigente(s) (como é o caso do petróleo no atual modelo energético capitalista) (Haesbaert, 2004, p.3. Grifo nosso).

Ao indicar que o território é funcional e simbólico, sendo ele também um recurso de proteção e abrigo, considera-se que o território é capaz de moldar as formas de reconhecimento dos sujeitos sociais e como ele deseja ser percebido por meio da memória. Pollak (1992) indica que a memória é capaz de contribuir para a identidade social. A memória passada de geração para geração entre parentes gera nos indivíduos o sentimento de pertencimento a certos espaços, que outrora tenha sido, ou ainda é, um lugar para habitar, viver, ser fonte de recursos para sobrevivência e reprodução coletiva.

Fernandes (2024) visualizou este cenário no Pantanal Sul, onde os embarcados passaram de geração para geração suas habilidades empíricas e conhecimentos tradicionais do território, incentivados dentro do núcleo familiar. Neste aspecto, o Rio Miranda possuía um valor capital para as famílias da comunidade do Passo do Lontra. As expressões giravam em torno de que o Rio Miranda era tudo para eles, pois foi nas margens deste rio que criaram os filhos, estabeleceram graus de parentesco e amizade, retiraram recursos para alimentação, uso da água, outros recomeçaram suas vidas.

A análise feita por Fernandes (2024) mostrou como esses habitantes foram produzindo territorialidades ao longo dos séculos, conforme o território e as atividades ganhavam novos valores e funcionalizações. Mesmo diante as pressões capitalistas, os ribeirinhos mantiveram suas memórias vivas por meio da pesca de subsistência, artesanato com cerâmica, conhecimentos de plantas medicinais e habilidades relacionadas a fauna e flora. Nego Bispo (2021) chama esse processo de continuidade, ou seja, começo, meio e começo novamente. Estes que são sempre vivos seja pela memória, pelos saberes compartilhados do território, seja pelas práticas culturais que constituem as territorialidades, seja um ofício, um remédio utilizando as plantas locais, são a continuidade desses sujeitos no território. Em comunidades quilombolas por exemplo, as relações produzidas no âmbito comunitário entre casamentos, amizades, trabalho e natureza, abriram lacunas para que fosse mais que um lugar passageiro, mas um território de lutas, de resistência e de estabelecimento das dimensões estritamente simbólicas de um povo que foi submetido e usurpado ao longo dos séculos.

Assim, parentesco e território, juntos, constituem identidade, na medida em que os indivíduos estão estruturalmente localizados a partir de sua pertença a grupos familiares que se relacionam a lugares dentro de um território maior. Se, por um lado, temos território constituindo identidade de uma forma bastante estrutural, apoiando-se em estruturas de parentesco. [...] Estamos, portanto, diante da incorporação de identidades que, em decorrência de eventos históricos, introduzem novas relações de diferença, as quais passam a ser fundamentais na luta dessas populações negras pelo direito de continuar ocupando e transmitindo às gerações vindouras o território conformado por diversas gerações de seus antepassados (Schmitt et al, 2002 p.4-5).

Outro elemento diz respeito ao ato de reterritorializar. A força da memória, das territorialidades, integra-se ao território modificado pelas pressões do mundo capitalista e mantém viva a própria identidade enquanto ser único e grupo coletivo. "Poderíamos dizer que o território, enquanto relação de dominação e apropriação sociedade-espço, desdobra-se ao longo de um continuum que vai da dominação político-econômica mais "concreta" e "funcional" à apropriação mais subjetiva e/ou "cultural-simbólica" (Haesbaert, 2004b, p.95).

Destaca-se que a identidade é formada por subjetividades individuais e coletivas, vinculada a grupos e pertencimento territorial. O fortalecimento de certas identidades como espaços de resistência frente à lógica global dominante é primordial. A resistência de comunidades tradicionais está intimamente relacionada a uma perspectiva territorial, especialmente perceptível em sociedades tradicionais que permanecem intactas (Chelotti, 2010).

Os espaços diferem de acordo com suas características materiais e imateriais, ou seja, os seus recursos biofísicos e humanos, relações sociais, modos de produção e a sua cultura. A partir de relações específicas com homem versus meio, as sociedades historicamente construíram identidades territoriais próprias, com seus signos, símbolos e pertencimentos (Chelotti, 2010, p.173).

Almeida (2021) aponta ainda para a noção de território de afetos. Para a autora, as condições materiais colocam em xeque os modos de vida destes habitantes, contudo, as memórias e saberes empíricos que são passadas e produzidas, são capazes de estabelecer vínculos afetivos dentro dos quilombos.

O território é estabelecido entre a relação dos sujeitos e o meio que habitam, é uma atitude política, já que as memórias das dores e dos traumas narrados permitem visualizar também o passado e ir em direção aos afetos que potencializam a ação, ou seja, levam a ação de novas territorialidades, novos territórios de subjetivação. Assim, “privilegia o uso de saberes como forma de ampliar espaços de subjetivação, constituídos por meio dos deslocamentos de sentidos [...] em relação aos efeitos das exclusões de raça, de classe ou de gênero” (Almeida, 2021, p.298).

A partir dos conceitos aqui apresentados, como território, memória e territorialidades, observa-se que a Comunidade de Bonsucesso nasceu inserida em uma conjuntura que expõe conflitos dentro das relações de poder do sistema escravagista da colonização que houvera no Brasil, pautados na exploração de pessoas negras e indígenas, entre a burguesia-bandeirantes e colonialistas no processo de apropriação capitalista, entre escravizados-libertos e senhores escravagistas (Tavares, 2011). Trata-se de uma comunidade ribeirinha, que são os povos originários dos rios, não deixando de lado sua descendência dos povos trazidos de África e indígenas originários da região centro-oeste brasileira, entre os demais moradores que foram chegando e aprendendo esse modo de vida multicultural. De toda maneira, foram mantendo suas memórias coletivas e herdadas, o que será apresentado na próxima seção.

4. Memória, Pertencimento e Territorialidades: Uma análise etnográfica da Comunidade de Bonsucesso

Para melhor elucidação do que foi compreendido durante os trabalhos de campo, além das vivências dos habitantes da comunidade entre si e com o território, o quadro 1, a seguir, apresenta as atividades de maior representatividade na Comunidade Bonsucesso. Foram observados quatro tipos de atividades praticadas, que nesta pesquisa são consideradas enquanto formas de territorialização e resistência de uma memória coletiva.

Quadro 1: Territorialidades com mais expressões na comunidade de Bonsucesso.

Atividade	Contexto	O que produz?	Inclui algum festejo?
Pesca	Geração para geração através da memória,	Ligado a subsistência e relações	Festa de São Pedro/Rota do Peixe

	dentro do núcleo familiar/ realizado tanto por mulheres quanto por homens e crianças	sociais.Pesca de todo tipo de espécie de peixes	
Compota de Doces	Geração para geração através da memória, dentro do núcleo familiar/ realizado tanto por mulheres quanto por homens.	Ligado a subsistência e relações sociais. Tipos de doces: mamão, goiaba, limão, laranja, figo, queijadinha, cachorrada ¹ , caju, furrundu (feito de mamão verde, rapadura ralada e especiarias), e abóbora	-
Tecelagem de Redes	Geração para geração através da memória, dentro do núcleo familiar e comunitário. realizado por mulheres	Ligado a subsistência e relações sociais/Redes artesanais que são vendidas pelo município de Várzea Grande, estados brasileiros e outros países.	-
Engenhos	Geração para geração através da memória, dentro do núcleo familiar e comunitário/ realizado tanto por mulheres quanto por homens	Ligado a subsistência e relações sociais/Produz: Cachaça, rapadura, melado e garapa.	-

Elaboração: Autoras (2024)

Durante os trabalhos de campo foram observadas casas deterioradas feitas de taipa (Figura 2). Conforme relatos de moradores da comunidade, o motivo dessas casas terem sido destruídas foi as enchentes do Rio Cuiabá, a Comunidade está localizada as margens deste rio. Por este motivo, as casas passaram a ser construídas com a argila (Figura 2) encontrada nas margens dos rios adjacentes e com materiais de alvenaria.

Figura 2: Casa de Taipa e casa de Argila, e casas de alvenaria no centro de Bonsucesso.

¹ Cachorrada é um doce de leite coalhado, geralmente, o leite após coalhar é cozido com açúcar até alcançar a consistência de doce.



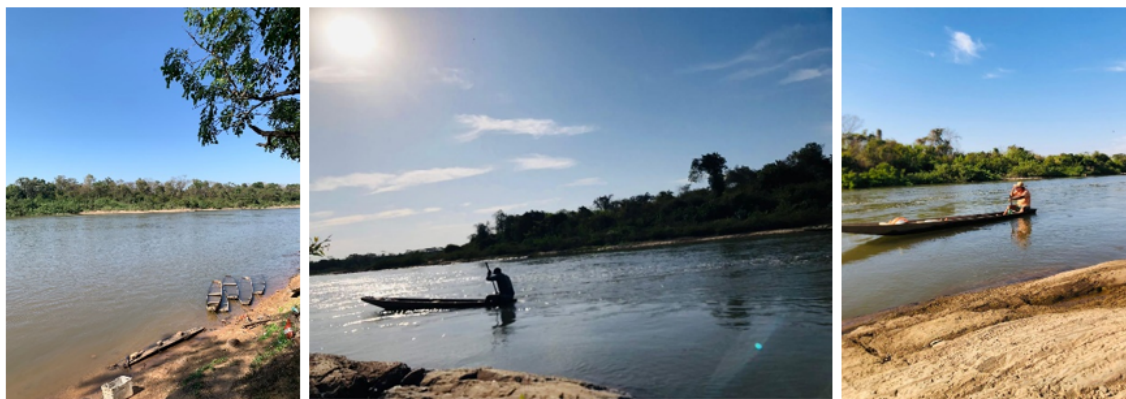
Fonte: Autora (2024)

Como a comunidade está nas margens do Rio Cuiabá, sua dinâmica principal está em torno da pesca artesanal, que serve de subsistência, sendo uma atividade determinante para os habitantes de Bonsucesso. Utilizam canoas de madeira e remo (Figura 3), prática indígena.

“Aqui é ribeirão rapaz” (Entrevista, 2024), essa frase foi mencionada mais de uma vez durante as atividades de campo pelo Rio Cuiabá. Em sua maioria, aprenderam a atividade de pesca dentro do núcleo familiar e mesmo aprendendo a exercer outros tipos de trabalhos, a pesca perpetua como uma função socialmente construída, que foi passada de geração para geração.

A pesca é realizada para além da extração do peixe para alimentação ou para venda. Esta atividade é também exercida em um contexto simbólico, social e afetivo com o território. Através da pesca, os moradores passam suas horas de lazer no Rio Cuiabá, produzem vínculos sociais com a família e amigos da comunidade ao dividir o pescado e preparando o peixe frito, assado, ensopado, etc. Trata-se de um elemento fundamental na construção cultural da comunidade, que relaciona a localização geográfica de proximidade ao rio com os rituais e tradições a partir daquilo que o território oferece, neste caso, os peixes e a pescaria.

Figura 3: canoas e pescadores da comunidade Bonsucesso



Fonte: Autora (2024)

A pesca foi importante para a criação da festa de São Pedro, há 43 anos atrás (O documento, 2024). A partir desta atividade, a comunidade recebeu o título de “Rota do Peixe,” sendo, portanto, um ponto turístico de Várzea Grande. No mês de junho a Comunidade de Bonsucesso celebra o Dia do padroeiro dos pescadores, com a Festa de São Pedro, que é a maior festa de pescado de água doce do Brasil (Prefeitura de Várzea Grande, 2024). Durante os festejos os moradores compartilham seus pescados de forma gratuita por meio de pratos típicos, seja para turistas ou membros da comunidade. Todo o distrito de Bonsucesso participa da festa, ajudando desde a pesca, a limpeza dos peixes, produção dos pratos (Figura 4) e organização do festejo. Todo ano é escolhido um grupo de festeiros para organizar a festa do ano seguinte e contam com o apoio de grande parte dos moradores.

Figura 4: Festa de São de Pedro



Fonte: Autora (2024); Prefeitura de Várzea Grande (2023)

A festa também inclui uma procissão fluvial. Em 2024, a procissão e o encontro dos festeiros tiveram início às 8:30 horas da manhã, incluindo um trajeto de cerca de 200 metros no Rio Cuiabá. Após este trecho, a procissão seguiu pelas

Revista Espaço & Geografia, v. 28, 2025 (DOI: 10.26512/2236-56562025e57023).

<https://periodicos.unb.br/index.php/espacoegografia/index>

Santos & Conte

ruas da comunidade rumo a Igreja Divino Espirito Santo, onde iniciou uma missa às 10 horas da manhã. Costumeiramente, a procissão é realizada com o santo em cima de um andor decorado com as cores branca e vermelha. Depois, entre o período das 11:30 da manhã e 13:30 horas da tarde, ocorre o almoço, que é oferecido de forma gratuita aos festeiros. Neste tempo também ocorrem apresentações culturais, corrida de canoas, concurso de maior comedor de peixe e barracas com comidas típicas (Figura 5).

Figura 5: da Festa de São Pedro



Fonte: Prefeitura de Várzea Grande (2023)

A dinâmica local da comunidade também inclui pequenos pontos de venda de rapaduras, alambique de cachaça, doces, artesanatos e redes. Isso ocorre devido à comunidade receber considerável número de visitantes (Figura 6).

Figura 6: Placa de entrada da Comunidade de Bonsucesso.



Fonte: Autora (2024)

A Figura 7 mostra um ponto de venda de doces na Comunidade. Não se sabe ao certo quando esta prática iniciou em Bonsucesso, todavia, faz parte da vida cotidiana de grande parte dos habitantes, que transmitem essas habilidades empíricas dentro do núcleo familiar. Os doces são produzidos de acordo com o período frutífero de cada espécie, por exemplo, se é a época de caju, os doces produzidos serão de caju, se a época está propícia para o mamão, os doces produzidos serão de mamão. Os doces mais produzidos pela comunidade são de mamão, goiaba, limão, laranja, figo, queijadinha, cachorrada, caju, furrundu (feito de mamão verde, rapadura ralada e especiarias) e abóbora. Cada compota, no ano de 2024 é vendida pelo valor médio de 35 reais.

Figura 7: Um dos pontos de venda dos produtos da comunidade de Bonsucesso.



Fonte: Autora (2024)

Guerino e Caetano (2011), ao analisar as práticas da produção de compotas de doces em Bonsucesso, pontuam que o modelo de produção se opõe a lógica de produção capitalista e se constitui do trabalho associado. Os autores (2011), identificaram o processo de autossuficiência da comunidade nesse trabalho associado, tanto na produção de doces como nas demais atividades. Todas são produzidas e compartilhadas entre os moradores, que se ajudam mutuamente, ora fornecendo matéria prima, ora instrumentos e mão de obra, sem exceção de ganhos entre si, estando relacionado à posse coletiva dos meios de produção.

no interior do trabalho associado não se reproduz a cultura do consumismo, mas sim, a cultura do trabalho que abarca a apropriação dos saberes acumulados da vida social e que se processam dialeticamente nas relações sociais e de produção vivenciadas por homens e mulheres dos setores populares no interior da economia popular solidária (Guerino; Caetano, 2011. P.34).

A comunidade Bonsucesso produz e reproduz suas vivências e saberes em outra dinâmica social, focado em suas permanências e subjetividades. A

produção de compotas de doces é feita de forma compartilhada entre os moradores, fornecendo matéria prima e mão de obra, *“Aqui todo mundo se ajuda”* (Entrevista, 2024). O território, portanto, é utilizado para o compartilhamento, para a subsistência e reafirmação dos sentidos entre seus descendentes, além de resistir uma memória coletiva entre esses habitantes.

No que diz respeito a produção de redes na comunidade, esta prática faz parte da história não apenas de Bonsucesso, mas de toda Várzea Grande. Conforme Tavares (2011), a tecelagem das redes é de origem indígena dos povos Guanás, que datam do século XVII e é exercida pelas mulheres das comunidades. Na região ribeirinha, até o final do século XX a comunidade ainda não utilizava cama, dormiam em redes artesanais produzidas pelas mulheres, que faziam o processo de plantar o algodão, colorir e tecer (Tavares, 2011). *“Eu aprendi a fazer rede com mamãe, que aprendeu com vovó, que era indígena”* (Entrevista, 2024), pontua uma moradora.

A arte da tecelagem das mulheres da comunidade é uma técnica passada de geração para geração, também dentro do núcleo familiar. O tear é feito no chão, a pintura dos fios de algodão e todo processo artístico são feitos de forma artesanal (Figura 8). A expressividade dos elementos da paisagem pantaneira demonstra o sentimento de pertencimento da comunidade em relação ao território, expressa sua relação com a natureza e as maneiras que compartilham a vida com os seres vivos. Por meio da Lei 4.406, sancionada em 2018, a rede-várzea-grandense é reconhecida como Patrimônio Cultural e Imaterial do Município de Várzea Grande (Várzea Grande, 2018).

Figura 8: mulheres que produzem redes na comunidade



Fonte: Arquivo pessoal (2024); Fred Gustavos Fotografia (2022)

As redes se tornaram um item muito procurado pelos bandeirantes, mineradores, migrantes e pela igreja, tornando-se até hoje fonte de renda e de subsistência das famílias (Tavares, 2011). No contexto específico mencionado, a memória da comunidade com seus antepassados da etnia Guaná é um elemento central na construção de suas territorialidades. Ao reivindicar e manter viva sua memória histórica, essas comunidades fortalecem sua identidade e sua capacidade de produção e reprodução frente às pressões externas, como projetos de desenvolvimento que ameaçam seus modos de vida e territórios.

Em relação a produção de rapadura e cachaça, a produção data desde o século XVIII, é um produto essencial entre os moradores, que garante a subsistência local (Tavares, 2011). O carro de boi ainda é utilizado pelos rapadureiros para transporte de cana-de-açúcar até os engenhos. A comunidade mantém pequenos canaviais, e além da rapadura e da cachaça, também produzem garapa, melado e o furundú. Em estabelecimentos locais vende-se os produtos artesanais produzidos por moradores da comunidade. É possível identificar no local rapaduras, melado de cana, cachaça de cana-de-açúcar e as compotas de doces caseiros (Figura 9).

Figura 9: Engenhos da Comunidade de Bonsucesso



Fonte: Autora (2024)

O cenário da comunidade não está atrelado apenas as condições culturais, o contraste com a chegada dos turistas na região, que geralmente alugam barcos a motor em uma peixaria local ou trazem seus próprios barcos ao rio, revela uma contradição na forma de uso do território: de um lado, os habitantes buscam perpetuar uma lógica de lazer e relações subjetivas e sociais que não estão ligadas a uma ideia acelerada de movimento; de outro observa-se o consumo superficial dos turistas, que não consideram as vivências e condições subjetivas desse território. Historicamente, para os moradores uma canoa simboliza afeto, pertencimento e relações profundas. Já para um turista pode representar lentidão, esforço desnecessário ao remar e tempo não aproveitado.

Outra questão tem relação com as queimadas e secas na região de Várzea Grande, que chegou ao maior pico histórico em 2024, tendo em vista os dados disponíveis desde 1980 (MT Notícias, 2024). Isso atinge diretamente Bonsucesso, pois habitantes da comunidade relatam o fogo na localidade, onde muitas vezes precisam lidar com o problema sozinhos, sem ajuda de bombeiros.

Um morador teve parte de seu sítio invadido pelo fogo, queimando cerca de cinco hectares. A falta de água também é um fator que acomete a comunidade, mesmo possuindo uma rede de distribuição de água, não é suficiente para atender as demandas. Essas problemáticas atingem diretamente a atividades de

pesca, produção de doces e engenhos. Conforme relatos dos moradores da comunidade, a seca extrema e a falta de água na região parecem ter diminuído o número de peixes no Rio Cuiabá, além da produção de leite em pequenas propriedades, leite esse necessário para a produção de doce de leite e queijadinha, por exemplo.

Essa dinâmica reverbera ainda nas árvores frutíferas que dependem do clima e da água para frutificar, o que atinge mais uma vez a produção das compotas de doces. Isso tudo ainda se soma a problemas relacionado à saúde física, tendo em vista que o tempo seco junto a fumaça das queimadas na região, ocasiona problemas respiratórios como asma e bronquite (Gonçalves et al., 2012).

Outra questão está relacionada com a poluição das águas dos córregos e rios no entorno da comunidade. A praia de Bonsucesso, por exemplo, foi classificada como totalmente imprópria para banho pela Secretaria de Estado de Meio Ambiente (Sema-MT). A classificação ocorre devido ao valor elevado de *Escherichia coli* (uma bactéria bacilar Gram-negativa) encontrado na água, o que torna a praia inadequada para recreação de contato primário desde 2003. Essa situação expõe os moradores da comunidade a doenças de veiculação hídrica, tanto pelo contato com a pele como pela ingestão da água. Entre estas doenças estão a poliomielite, cólera, hepatite, febre tifóide, gastroenterite e doenças de pele (Semat, 2020).

É importante ressaltar que o contato com águas na comunidade é um fator determinante para a cultura local, é no rio que as memórias coletivas são passadas para gerações futuras, onde perpetuam a atividade de pesca, além de ser um espaço de recreação e contato direto com o território. O rio não é apenas uma fonte de sustento, mas também um elo essencial na manutenção da identidade e tradição da comunidade.

Diante dessa dualidade e das contradições presentes na comunidade de Bonsucesso, a discussão ganha maior corpo ao introduzir as ideias de Pollak (1992), que aponta que a memória coletiva desempenha um papel crucial na formação da identidade local. A prática da pesca, a produção de compotas e engenhos, além das celebrações como a Festa de São Pedro, são mais do que atividades econômicas ou recreativas. Elas são expressões de uma memória

herdada, que influencia e é influenciada pelo contexto em que os moradores estão inseridos.

A memória em Bonsucesso não se limita à vida física e a materialidade no território; ultrapassa esse limiar para uma construção coletiva, passada de geração em geração, formando um sentimento de reconhecimento, pertencimento e afeto, revelados nas frequentes expressões de moradores: *“Eu amo aqui”*; *“Eu não saio daqui de jeito nenhum”* *“Aqui nós já temos mais de 12 umbigos enterrados, não se vende essa terra”* (Entrevista, 2024). Como apontado pelo geógrafo Baltazar ao analisar essa mesma prática na comunidade Indígena Terena em Aquidauana, MS (2023), este ato é uma maneira de reterritorialização dos povos tradicionais, que ao enterrar o umbigo no *“Poké’e”* (território, na língua terena), denota a sua conexão umbilical com o que para eles é a *“mãe terra”*, assim reforçando sua relação direta com a terra e permanecendo nesse território.

Os moradores transmitem seus conhecimentos e tradições através das gerações, garantindo que práticas simbólicas demarquem esse território. Esse processo é um ato de resistência, onde as lembranças e saberes são cuidadosamente preservados e compartilhados, dando continuidade no modo de vida.

Conflitos sociais também podem surgir em torno da memória, onde diferentes grupos lutam pela preservação e valorização de suas narrativas históricas. Em Bonsucesso, a transmissão de memórias e saberes orgânicos entre as gerações é essencial para manter viva a identidade cultural e a coesão social da comunidade, servindo como uma defesa contra as pressões externas e hegemônicas do capital. Neste aspecto, percebe-se como a memória e o território interagem para moldar a identidade da comunidade. Milton Santos (2005) e Rogério Haesbaert (2005), destacam que o território não é apenas um espaço físico, mas também um espaço simbólico, carregado de significados culturais e sociais. Em Bonsucesso, a pesca, a produção de compotas e os engenhos representam formas de reafirmação da identidade local e da memória coletiva.

As práticas tradicionais de Bonsucesso exemplificam como os grupos sociais produzem territorialidades específicas, que se adaptam e transformam seu território de acordo com suas necessidades e resistências. A dualidade entre

as práticas tradicionais dos moradores e as expectativas dos turistas, as queimadas, as secas e falta de água, por exemplo, ilustra a tensão entre as territorialidades locais e as forças externas de exploração econômica

Resgatando as ideias de Nego Bispo (2021), no caso de Bonsucesso, atividades como a pesca e a produção de compotas e engenhos refletem a continuidade das tradições e saberes herdados dos antepassados. Os laços de parentesco e as relações sociais formadas na comunidade criam uma territorialidade que é fundamental para a identidade deste grupo. Esses saberes e práticas culturais são incorporados ao território, criando um espaço de resistência e enfrentamento político-cultural.

Além disso, a ideia de reterritorialização de Haesbaert (2005), é evidente em Bonsucesso, onde a comunidade continuamente se adapta, recriando seus limites frente às lutas. As memórias e saberes dos antepassados são integrados ao novo ambiente, fortalecendo os vínculos afetivos e com o próprio território, a fim de permanecerem neste espaço de lutas. O território de Bonsucesso não é apenas um espaço físico, mas um "território de afetos" de subjetivação (Almeida, 2021), que sustenta e potencializa novas territorialidades ao compartilhar entre si não apenas os conhecimentos empíricos e suas habilidades tradicionais, mas também a história de seus antepassados frente à escravidão, a exploração, a fuga. Dos seus antepassados indígenas que foram expropriados e dizimados nessas terras, reforça a vontade de permanecer e resistir, além de criar um sentimento simbólico e subjetivo de pertencimento com o território que ocupam.

5. Considerações Finais

Este trabalho buscou apresentar a comunidade de Bonsucesso e suas principais formas de reprodução, sendo elas a pesca, a produção de compotas de doces, a tecelagem de redes e engenhos, e como essas práticas são herdadas por uma memória coletiva, onde a territorialidade é uma ação de resistência e permanência neste território. Bonsucesso se apresenta como um território onde se exercem domínios tanto funcionais quanto simbólicos. É um recurso de proteção, abrigo e fonte de significados.

A memória herdada e a transmissão de conhecimentos e tradições através das gerações são atos de resistência cultural que permitem à comunidade se reapropriar e redefinir seu território frente às pressões capitalistas. As práticas culturais em Bonsucesso são um exemplo vivo da luta contínua pela preservação da identidade e da memória coletiva no contexto de um território marcado por constantes transformações.

A comunidade, apesar das lutas impostas para se reafirmarem continuamente, vive um processo que muitas vezes romantiza suas condições de vida, pois apesar das contradições, podem permanecer neste território mesmo não conseguindo romper com o tecido social, com as hierarquias impostas, com as submissões.

Esta pesquisa mostrou que o uso das pesquisas qualitativas, através da observação participante (método etnográfico), revela as camadas mais profundas deste espaço de lutas em que esses moradores estão expostos, mesmo que não seja tão explícita. Verificou-se também a necessidade de novos estudos, com maior aprofundamento. É crucial que a pesquisa continue explorando as complexidades e nuances deste território, para contribuir de forma significativa para o entendimento e valorização das experiências e resistências dos moradores da Comunidade de Bonsucesso.

6. Referências Bibliográficas

ALMEIDA, A, W, B de. **Quilombolas e novas etnias**. Manaus: UEA Edições, 2011.

ALMEIDA, M. Território de afetos: práticas femininas antirracistas nos quilombos contemporâneos do Rio de Janeiro. **História Oral**, v. 24, n. 2, p. 293-309, 2021.

ANDRADE, E. A. de; RIBEIRO, M. Um estudo toponímico de Bonsucesso e Pai André no Rio Cuiabá-MT. **Revista da Anpoll**, v.1, n. 32. 2015. <https://doi.org/10.18309/anp.v1i32.619>

BALTAZAR, P; MONDARDO, M; FIALHO, C, F. Etnogeografia Terena: terra e território. **Entre-Lugar**, v. 14, n. 27, p. 191-207, 2023.

BISPO, N. **A Terra dá, A Terra quer**. São Paulo: Ubu Editora, 2021.

BISPO, N. **Quilombos: modos e significados**. Brasília: Editora Jandaíra, 2019.

Revista Espaço & Geografia, v. 28, 2025 (DOI: 10.26512/2236-56562025e57023).
<https://periodicos.unb.br/index.php/espacoegografia/index>

CHELOTTI, M, C. Reterritorialização e identidade territorial. **Sociedade & Natureza**, v. 22, p. 165-180, 2010.

CLAVALL, P. Itinerários e Encontros. A Descoberta da Alteridade. **Boletim da Associação dos Geógrafos Franceses. Geografias**, v. 98, n. 98-2, p. 165-321, 2021.

CLIFFORD, J. Culturas viajantes. Tradução: Pedro Maia Soares. In: NELSON, C.; GROSSBERG, L. (orgs.). **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2002. p. 17-62.

CRUZ, R, L. A experiência social do trabalho sob a ótica das famílias dos agricultores da selva central peruana. **Repocs**, v. 12, n. 23, 2015.

FERNANDES, T, A, D, de S. **“Um dia a gente come, no outro não”**: as condições sociais do trabalho embarcado no Pantanal Sul Mato-grossense. 2024. 114 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2024.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GONÇALVES, K, S; CASTRO, H, A de; HACON, S, S. As queimadas na região amazônica e o adoecimento respiratório. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, p. 1523-1532, 2012.

GUERINO, M, F; CAETANO, E. **A produção e reprodução da vida social de Bonsucesso a partir de compotas de doces**: uma reflexão sobre o trabalho associado, 2011.

HAESBAERT, R. Viver no limite: da transterritorialidade ao contornamento. In: **Viver no limite: território e multi/transterritorialidade em tempos de insegurança e contenção**. São Paulo: Bertrand Brasil, 2014. p. 271-303.

HAESBAERT, R. Da desterritorialização à multiterritorialidade. In: **Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina**. São Paulo, 2005.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização**: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade. Bertrand Brasil, 2004.

MT NOTÍCIAS. **Com quase 140 dias sem chuva e umidade de deserto, Várzea Grande enfrenta seca mais severa em 4 décadas**. Disponível em: <https://mtnoticias.com.br/geral/com-quase-140-dias-sem-chuva-e-umidade-de-deserto-varzea-grande-enfrenta-seca-mais-severa-em-4-decadas>. Acesso em: 10 out. 2024.

O DOCUMENTO. **Festa de São Pedro será neste sábado (29) no Bonsucesso**. Disponível em: <https://odocumento.com.br/festa-de-sao-pedro-sera-neste-sabado-29-no-bonsucesso/>. Acesso em: 05 out. 2024.

Santos & Conte

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

PREFEITURA DE VÁRZEA GRANDE. **Festa que é a maior do país em pescado de água doce mantém tradição de servir almoço gratuito desde a primeira edição em 1980.** 2023. Disponível em: <http://www.varzeagrande.mt.gov.br/conteudo/20455/festa-que-a-maior-do-pas-em-pescado-de-gua-doce-mantm-tradio-de-servir-almoo-gratuito-desde-a-primeira-edio-em-1980>. Acesso em: 05 out. 2024.

SANTOS, M. O retorno do território. En: OSAL: **Observatório Social de América Latina**, jun. 2005. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

SAQUET, M, A. As diferentes abordagens do território e a apreensão do movimento e da (i) materialidade. **Geosul**, Florianópolis, v. 22, n. 43, p. 55-76, 2007.

SCHMITT, A; TURATTI, M, C, M; CARVALHO, M, C, P de. A atualização do conceito de quilombo: identidade e território nas definições teóricas. **Ambiente & Sociedade**, p. 129-136, 2002.

SEMA-MT. **SEMA divulga boletim de balneabilidade 2020: cinco locais estão impróprios ao banho.** Disponível em: <http://www.sema.mt.gov.br/site/index.php/sema/noticias/4966-sema-divulga-boletim-de-balneabilidade-2019-cinco-locais-est%C3%A3o-impr%C3%B3rios-ao-banho>. Acesso em: 20 jun. 2024.

SEMAT, Secretaria do Estado do Meio Ambiente. **Boletim de balneabilidade.** Cuiabá, n. 02/2023, dez. 2023.

TAVARES, J, W. **Várzea Grande: história e tradição.** Cuiabá: KCM Editora, 2011.

TURRA NETO, N. Espaço e lugar no debate sobre território. **Geograficidade**, v. 5, n. 1, p. 52-59, 2013.

VÁRZEA GRANDE. **Lei Ordinária nº 4406, de 2018.** Reconhece a rede e o modo de fazer a rede várzea-grandense como Patrimônio Cultural Material e Imaterial do Município de Várzea Grande. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/mt/v/varzea-grande/lei-ordinaria/2018/441/4406/lei-ordinaria-n-4406-2018-reconhece-a-rede-e-o-modo-de-fazer-a-rede-varzea-grandense-como-patrimonio-cultural-material-e-imaterial-do-municipio-de-varzea-grande>. Acesso em: 19 jul. 2024.